

Elena Lucca - Trajetórias e Encontros

Elena Lucca - Trajectories and Encounters

PAULA MARIA ARISTIDES DE OLIVEIRA MOLINARI
Université Rennes 2 - UR2 - França, Universidade Federal do
Maranhão - UFMA/CCSB, Universidade Estadual Paulista -
UNESP/IA
paula.molinari@ufma.br

RODRIGO JOSÉ DOS SANTOS OLIVEIRA
Universidade Federal do Maranhão - UFMA/CCSB
rodrigo.jose@discente.ufma.br

Resumo: Entrevista realizada em agosto de 2022 com Elena Lucca, artista
experimental e ativista ambiental.

Palavras-chave: Arte Sonora Ambiental; Interdisciplinaridade, Educação

Abstract: Interview held in August 2022 with Elena Lucca, experimental artist
and environmental activist.

Keywords: Environmental Sound Art; Interdisciplinarity, Education.

Preâmbulo

O trabalho de R. Murray Schafer tem influenciado pessoas de todo o mundo que se identificam com os princípios fundamentais que constituíram o conceito de paisagem sonora e de ecologia acústica.

A ecologia acústica, tomada como um campo multidisciplinar, nos abre as portas de um conhecimento em que nossa existência não está separada da natureza, levando a cabo a ideia de uma unidade complexa que se dá entre todos os seres e que TAMBÉM é percebida pelos sons.

Neste texto, apresentamos Elena Lucca, pesquisadora, professora aposentada da UNNE - Universidad Nacional del Nordeste e UNR - Universidad de Rosario AR, Argentina, ativista ambiental, que trilhou sua revolução por meio da arte, junto de sua irmã Kozana Lucca, marcando duas importantes conquistas: a ideia de uma concepção de arte que nasce da escuta e a liderança feminina num campo de interações politicamente complexas, como as regiões preservadas da América do Sul, seus povos e sua cultura, com especial atenção ao norte da Argentina.

Eu, Paula Molinari, propus o encontro de Elena Lucca e Marisa Fonterrada via remota, em agosto de 2022 porque, conhecendo ambas, podia encontrar pensamentos e ações muito próximas. São duas mulheres que inauguraram um campo do saber em seus países, ambas professoras universitárias, da mesma geração, sul-americanas, que viajaram mundo afora disseminando sua arte e suas práticas sob uma perspectiva que merece nossa atenção: a escuta de si no mundo. O objetivo, no momento de encontro, foi o de deixá-las conversar livremente sobre como chegaram a Murray Schafer, com mínimas intervenções de minha parte, permitindo digressões e variações do tema.

O que temos a seguir, é uma seleção de fragmentos que foram transcritos da conversa e reorganizados, para apresentar o trabalho de Elena Lucca. De maneira indireta, aparece Kozana Lucca, sua irmã, também artista de quem me dedico a difundir o trabalho em outros textos e criações artísticas. Ambas estiveram próximas, nas carreiras profissionais e na vida.

Sobre a parte da conversa referente a Marisa Fonterrada, coeditora deste volume da Revista Musimid, optamos por publicar posteriormente outros fragmentos selecionados, uma vez que esta publicação já contém um texto com parte do que foi falado no encontro com Elena Lucca.

Seguem-se as falas de Elena Lucca, organizadas por assuntos.

Elena Lucca, fala do seu trabalho:

A verdade é que eu tive uma vida muito fabulosa, pouco comum. Fui encontrando diferentes lugares, diferentes espaços. Comecei muito jovem, porque, quando saí do lugar onde nasci, aos meus 19 anos, fomos para Buenos Aires e moramos lá, por cerca de 3 ou 4 anos. Eu já trabalhava em poesia e acontece que me ofereceram fazer poesia por computador.

Era um computador enorme, como uma sala, de tão grande. Não era o computador que temos hoje. A partir daí, comecei a trabalhar num centro de arte audiovisual. Trabalhava de forma contínua e comecei a criar os primeiros vídeos. Esses vídeos deram a volta ao mundo, porque tínhamos uma rede impressionante! Era uma rede de pessoas que estavam trabalhando com arte experimental.

Minha irmã, Kozana Lucca, contava que, quando estava no Canadá – porque ela foi trabalhar com McLaren, o cineasta – um dia, estando na Universidade de Toronto, ela ouviu em um congresso, numa reunião de poetas, falarem de um poema de Elena Lucca. Encontrou essa referência e disse: 'Que impressionante, estou aqui e de repente, aparece essa coisa, o poema de minha irmã!'

Eu conheci pessoas que trabalhavam com arte experimental no mundo inteiro, até no Japão. Pessoas da Europa, pessoas dos Estados Unidos e do Canadá. Nós nos comunicávamos todo o tempo e, assim, criamos uma espécie de retroalimentação sobre o que era arte experimental. Depois disso, em um determinado momento, Kozana foi viver em comunidade, com o Roy Hart Theatre, na França. Como eu já estava morando aqui em Resistência, trouxemos um grupo da comunidade Roy Hart e lá eles conduziram algumas oficinas. Eu fui aluna dessas oficinas e descobri como era trabalhar a voz.

Depois, quase nos anos 90, conhecemos Susana Espinosa. Naquele momento, na Argentina, foram feitos vários soundwalkings nos quais estava presente Murray Schafer. Eu não estava lá mas sabia, por causa de Susana Espinosa, que, também, me convidou para dar vários workshops, em Córdoba e outros locais. Também a convidei porque, naquela época, eu havia reunido um grupo de formação.

Nossa formação estava baseada nas Três Ecologias. Eu não posso dar um título, mas você conhece Félix Guattari? Bom, ela falava sobre as três ecologias e, a partir daí, montamos uma formação. Uma das professoras, da parte sonora, era Susana Espinosa.

Eu a convidei para ir a Malerárgues, onde morávamos Kozana e eu. Estivemos em oficinas de som com ela. A partir daí, me conectei muito com tudo... só que eu nunca conheci o próprio Schafer. Sim, eu conheci a bibliografia, seus escritos, sua prática de exercícios e todo o seu processo.

Claro que outras influências apareceram, como o Deep Listening, de Pauline Oliveros. Trabalhei muito com semântica musical baseada na Biodança. Tivemos oficinas permanentes e fui formada nisso também.

Nosso pai era músico! Nosso pai era um músico violinista profissional da Sinfônica de Córdoba. Ele também criou o quarteto de cordas de Córdoba, além de ser concertista. Ele era músico e nós crescemos... lembro-me de adormecer ouvindo os ensaios do quarteto do meu pai em casa, ou seja, temos uma base, um forte componente musical... Muito gosto pela música!

A busca de Elena Lucca

Me interessava em como entrar na cosmologia das pessoas. Tudo o que lhes interessa e nos interessa, porque cada um se soma a isso e, a partir daí, como se propõem as coisas.

Elena Lucca e o universo sonoro:

De repente, lembrei-me de que, para iniciar o trajeto da mostra, em uma de minhas exposições, eu colocava gravações de som. Fazia isso para terminar, também. Tinha o intuito de introduzir as pessoas em todo o ambiente, pelo processo da escuta. Era uma sensibilização.

Digo a vocês, no caso das minhas mostras(.): inicialmente, faço um ritual com as pessoas, até peço que tirem os sapatos, que respirem profundamente e que sintam os sons do ambiente e das respirações. É um processo para entrar, seguido de uma "soundwalking", o "sonido noise" do qual falava Cage, próprio de cada audiovisual sobre terra, bosques, ar, água, fertilização, som urbano, orgânico, inorgânico...

Elena Lucca e a Educação

A verdade é que hoje surgiu em mim uma imagem muito clara, uma ideia de que, por exemplo, ensinar uma criança a ouvir outra criança é uma força educativa enorme.

Acontece que, quando falamos de Educação, costumamos falar de educação formal, mas, na realidade, a gente vive, pelo menos nós que construímos... vivemos fazendo educação informal, permanentemente. Fazendo Arte, fazendo qualquer coisa, estamos com o objetivo de educar. A diferença é essa.

Eu também tenho que anotar as aulas, tenho um programa, tópicos etc. Mas, além de tudo isso, há o conteúdo, o que acontece entre as pessoas, como lidamos com esses conceitos. Para mim, é muito importante a busca do sentido de tudo e, também, do significado, para cada um. Isso é educação para mim.

Elena Lucca diante da Tecnologia, da Sociedade Urbana e da Mídia

Para mim, na verdade, por um lado, há um panorama, um cenário que se abre a partir da tecnologia, pelo youtube e essas coisas. Hoje é possível ouvir uma música e escutar várias versões, com diversas pessoas. Por um lado, é um ótimo panorama pelo fato de podermos chegar a eles.

Bem, viver na cidade é muito difícil, não? É algo muito diferente, se organiza uma mentalidade urbana.

Você tem que incorporar todo o som do trânsito, do movimento permanente, da máquina permanente, dos ares-condicionados, tudo o que acontece, sem ouvir nada que nos rodeia, que seja natural.

É muito interessante pensar, por exemplo, e eu proponho por meio dos meus vídeos, que, quando se ouve algo natural, passos, pássaros, as próprias passadas nas folhas secas, que é um ponto de saúde necessário para nós e está sendo usado por todas as novas terapias, por exemplo, como curar através da escuta do natural que nos rodeia etc. Porém, também é verdade que as pessoas da cidade estão imersas em todos os sons que as invadem permanentemente e isso significa que, mais tarde, quando vão para um espaço natural, como uma praia ou um lago, tentam tocar música, porque não podem ouvir o que já existe no meio. Essa é uma das hipóteses com que eu trabalho muito, em minha arte ambiental.

É incrível o que as pessoas dizem quando chegam a escutar, ainda que seja em um vídeo, os sons da natureza. - Ah! dizem, agora eu me lembro quando era menina, ouvia um passarinho.

Parece que agora estão tamponadas todas as capacidades sensíveis de escuta.

Falo isso pela experiência que tenho com minha neta. Por aqui (em Resistência/Argentina) pelo menos, os jovens vão a festas com música muito alta e bebem. É insalubre, estou de acordo.

É uma espécie de querer sair da realidade de alguma forma e não se conectar então, para mim, as mídias estão preparadas para você não escolher e, sim, para absorvê-las.

Nós temos uma permeabilidade permanente com o meio ambiente, não é? O meio ambiente não é fora, é todo o entorno.

Uma das coisas com que eu gosto muito de trabalhar é a concepção do espaço, o espaço cheio, o vazio mas, essencialmente, descobrir como lidamos com esse espaço, também. Isso é educação porque, quando somos bebês, nos localizamos em um ambiente através dos sons, na forma daquilo que vamos encontrando e que é, também, uma maneira de se colocar na realidade. É fundamental para mim e penso que nós adultos deveríamos fazer o mesmo. Para mim, é como se tudo se dividisse, tudo passasse na mente adulta, perder-se um pouco no barulho e não se colocar na realidade.

Elena Lucca e a visão de futuro

Sinto que a semente de um futuro melhor está na prática. Sinto que, pessoalmente, procuro viver essa condição em cada uma das ações que faço. Quer dizer, o que significaria a semente de um futuro melhor? Significaria ser capaz de se tornar sensível e perceptivo, sem destruir. Então, para mim é uma espécie de desafio diário, permanente, contínuo... Trabalhar sobre o tema, os gestos, atitudes, ações para tentar abrir e poder agir sem destruir.

Agosto de 2022

GMeet